



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

Aderemi Matheus Jacob Freitas Caetano

**O congado nas Festas de Nossa Senhora do Rosário:
uma região cultural na Zona da Mata Mineira?**

VIÇOSA

DEZEMBRO – 2011



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

Aderemi Matheus Jacob Freitas Caetano

**O congado nas Festas de Nossa Senhora do Rosário:
uma região cultural na Zona da Mata Mineira?**

VIÇOSA

DEZEMBRO – 2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE GEOGRAFIA

**O congado nas festas de nossa senhora do
rosário:
uma região cultural na zona da mata?**

Monografia apresentada ao Departamento de Geografia da Universidade Federal de Viçosa como parte das exigências para a conclusão do curso de Bacharelado em Geografia

Bacharelando: Aderemi Matheus Jacob Freitas Caetano

Orientador: Milton Ramon Pires de Oliveira - DPE

Co-orientador: Leonardo Civale - DGE

VIÇOSA

DEZEMBRO – 2011

Monografia apresentada como requisito parcial à conclusão do curso de Bacharelado em Geografia do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Viçosa – UFV.

Banca Examinadora:

Milton Ramon Pires de Oliveira (orientador) – DPE

Leonardo Civalle (co-orientador) – DGE

Angela Maria Garcia – NUPP/UFV

AGRADECIMENTOS

Espero não esquecer alguém, mas vamos lá:

Agradeço primeiramente a meu orientador, professor Milton Ramon pela atenção, dedicação e por ter desempenhado um trabalho tão primoroso em ter aberto meus horizontes.

Agradeço ao Programa de Extensão Universitária – PROEXT pela concessão de auxílio financeiro ao Projeto de Extensão “Como contas do Rosário: memória e transmissão de pensamentos no congado”

Ao solícito e grandioso pesquisador, Leonardo Civale pela co-orientação dessa monografia.

À professora Ângela Garcia pela paciência, ensinamentos sobre pesquisa científica e seus caminhos.

Aos vários bolsistas que comigo trabalharam no 212 pelos ensinamentos, construções de idéias e, sobretudo pelos momentos de descontração proporcionados nessa longa e fatigante estrada que é a universidade pública.

E não poderia esquecer um grande agradecimento aos congos de Airões, São Miguel do Anta, São Geraldo, pelas festas e também por me apresentarem os vários rincões maravilhosos de Minas Gerais e terem resgatado em mim certa religiosidade perdida.

Aos amigos Pedro Lacerda, Diogo Spinola, Antônio Augusto pelo companheirismo e pelas ajudas nessa reta final de percurso acadêmico na UFV..

Um mega agradecimento especial a Marcela Viçozo por me ajudar a ter um pouco mais esperança e persistência nas minhas ações.

Agradecimentos calorosos especiais com direito a três batidas no lado esquerdo do peito à todos os meus familiares que me ajudaram a encerrar mais um ciclo da minha vida. Especialmente a minha irmã Aisha, meu irmão Adewole, meu pai José Geremias, minha mãe Maria Bernadete. Sucesso de um filho é o sucesso de uma família inteira.

Enfim, minha veia geografia se faz presente e agradece a toda essa rede que se formou durante essa minha caminhada por terras mineiras. Obrigado por tudo.

Para o Vô Dito Freitas

Pelas caminhadas gostosas e pelos papos infundáveis

RESUMO

O congado nas festas de nossa senhora do rosário: uma região cultural na zona da mata?

O presente trabalho tem por objetivo compreender o processo social de regionalização das práticas culturais em torno do congado, analisando os elementos que suportam as identidades dos vários grupos de congos e a convivência dos mesmos nas situações das festas de Nossa Senhora do Rosário, possibilitando o delineamento de uma região cultural. Essas festividades são conduzidas por Grupos de Congados que, que reverenciam santos católicos em festas, rituais e cerimônias de coroação de reis e rainhas congos. Os grupos de congo de várias localidades da Zona da Mata Mineira apresentam diferentes cores de roupas, cânticos e similitudes entre si, como a forma de organização da festa, propiciando o estabelecimento de práticas de entreatadas que se renovam ou se perdem com o passar de anos. Para o desenvolvimento da pesquisa utilizamos uma construção metodológica específica, demandada pela investigação: observação participante durante os festejos e o constante diálogo com a bibliografia temática

SUMÁRIO

A	LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	7
1	INTRODUÇÃO.....	09
2	METODOLOGIA.....	12
3	CONGOS, CONGADOS, CONGADAS.....	13
4	UM POUCO SOBRE REDES.....	19
	4.1 Construindo os laços da rede.....	20
5	REGIÃO NA GEOGRAFIA: uma categoria em discussão.....	31
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS: possibilidade de delinear uma região cultural.....	34
7	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	36

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1 – Imagem de Nossa Senhora do Rosário; andor da procissão em Airões..... 15
- Figura 2 - Antônio Matias Celestino – Antônio Boi (mestre da banda de congos “José Lúcio Rocha” 25
- Figura 3 - Antônio Fidêncio, mestre da banda de congos de São Miguel do Anta e Canaã..... 24
- Figura 4 - Congos de São Geraldo, Coimbra e Airões em frente a Igreja na Festa de Nossa Senhora do Rosário em Córrego do Barros (Paula Cândido – MG)..... 25
- Figura 5 - Bandeira e Bandeiras da Banda de Congos José Lúcio Rocha deixando a Escola Estadual Geraldo Lopes de Carvalho, depois do almoço durante a festa de Nossa Senhora do Rosário do Córrego do Barros de 2009..... 25
- Figura 6 - À esquerda Jorginho. Mestre da banda de congos de São Geraldo e ao centro Som, do congado de Airões. 2009 26
- Figura 7 - Festa de Nossa Senhora do Rosário em Monte Celeste (São Geraldo - MG) 27
- Figura 8 - Mestre Jorginho (ao centro), Seu Efigênio (congo de Coimbra, a esquerda) na Festa de Nossa Senhora do Rosário em Monte Celeste (São Geraldo - MG)..... 27
- Figura 9 - À frente, Cícero com ao congos de Airões na Festa de Nossa Senhora do Rosário em Senador Firmino..... 28

Figura 10	Guarda de congo “Rosário da Aliança” de Brás Pires – MG. Ao Centro três congos de Airões: Lourdes de espada e capa amarela. Seu Bené com acordeom e Boi com capa amarela de costas. Festa do rosário. Outubro de 2011.....	29
Figura 11	Rede Cultural do Congado.....	30
Figura 12	Mapa de uma possível região cultural.....	35

O congado nas festas de nossa senhora do rosário: uma região cultural na zona da mata?

1 Introdução

Já há várias gerações, durante o início da primavera, mais precisamente em outubro, lá pelas bandas da porção sudeste do Estado de Minas Gerais, mais conhecida como mesorregião¹ da Zona da Mata Mineira, e especialmente em alguns municípios pertencentes às microrregiões² de Viçosa e Ubá, é chegada a tão aguardada época do “Rosário de Maria³”. Período de realização das concorridas festas em louvor a Nossa Senhora do Rosário e caracterizado por atividades que acontecem regularmente em diferentes cidades, distritos urbanos e rurais, lugarejos próximos entre si, constituindo, assim, o que podemos denominar de “Ciclo de Festas de Nossa Senhora do Rosário”.

Nesse período, em quase todos os finais de semana, acontecem as ditas festas, atraindo pessoas maravilhadas com as cores e sons dos festejos; atraindo pessoas que, nascidas e criadas nesses lugares, migraram em busca de melhores condições de vida. E, acima de tudo, atraindo pessoas movidas pela fé.

O que estou chamando de Ciclo de Festas de Nossa Senhora do Rosário, ou simplesmente “Ciclo do Rosário”, se apresenta como uma espécie de revezamento de festas, quando há a preocupação em não marcar a festa de uma localidade na mesma data de outra. Por isso, há um investimento em buscar definir antecipadamente as datas das festas locais, evitando uma ocorrência de várias festas na mesma data.

¹ IBGE caracteriza a Mesorregião como uma área individualizada, em uma Unidade da Federação, que apresenta formas de organização do espaço geográfico definidas pelas seguintes dimensões: “o processo social como determinante, o quadro natural como condicionante, e a rede de comunicação e de lugares, como elemento da articulação espacial” (IBGE 1990 apud BATELLA, DINIZ, 2005). A Zona da Mata Mineira ganha status de Mesorregião com a regionalização proposta pelo IBGE, em 1990, que divulga o trabalho “Divisão regional do Brasil em Mesorregiões e Microrregiões Geográficas”. Conforme o geógrafo Orlando Valverde, em “Estudo Regional da Zona da Mata de Minas Gerais” (1958), Zona da Mata refere-se à fisionomia da vegetação natural característica do sudeste de Minas Gerais, a Mata Atlântica.

² Microrregião é parte de uma mesorregião que apresenta distinção quanto à sua organização espacial (IBGE 1990 apud BATELLA, DINIZ 2005)

³ “Rosário de Maria” é parte de uma das músicas entoadas pela Banda de Congo José Lúcio Rocha, o Congado de Airões (Paula Candido-MG): “*Hoje é dia do Rosário de Maria*”

“...até eu vou perguntar o senhor depois, se dá para fazer esse ano. Porque eu não marquei a festa do Rosário lá ainda. Aqui também não marcou ainda?” (entrevista com Antonio Boi feita em 2007. Acervo do Programa Cultura e Transmissão de Saberes).

Nesse trecho de uma das diversas entrevistas que compõem o acervo do NUPP⁴, Antônio Boi, em 2007 pergunta a Antônio Fidêncio sobre a data da festa de Nossa Senhora do Rosário em São Miguel do Anta e também questiona se nesse ano os dois podem dançar junto novamente na festa de Airões.

Para a constituição do “Ciclo do Rosário”, os grupos de congos que conduzem a festa, apresentam-se como atores centrais, ao efetivarem as práticas de entreajudas, isto é, a troca de visitas. Os grupos de congos são anfitriões em sua localidade e retribuem as visitas recebidas ao participarem dos festejos em outras localidades, quando assumem o papel de visitantes. Em suma, o anfitrião vira convidado e vice-versa.

Desde 2007 comecei a freqüentar as festas de Nossa Senhora do Rosário de Airões (Paula Cândido - MG) e dos municípios de Senador Firmino e São Miguel do Anta, todos na Zona da Mata Mineira. No começo a minha participação se dava pelo fato de integrar “Grupo de Cultura Popular O Bloco”, que tinha como objetivo se reunir para praticar ritmos percussivos afrobrasileiros, com base no maracatu de baque virado⁵. Esse grupo, convidado por Antônio Boi, mestre da Banda de Congo José Lúcio Rocha (congado de Airões), participa até hoje da festa de Nossa Senhora do Rosário desse distrito e de algumas outras localidades, sempre seguindo os caminhos da referida banda.

Posteriormente, ao atuar como bolsista no projeto “Como Contas do Rosário: memória e transmissão de saberes no Congado” (UFV/MEC/SESU/PROEXT); como colaborador nos projetos “O ‘Ciclo do Rosário’: memória e cultura no congado da Zona da Mata Mineira” (UFV/FAPEMIG) e “POPULARTE: cultura e educação construindo

⁴ O Núcleo de Políticas Públicas – NUPP da Universidade Federal de Viçosa, vinculado ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, tem como função desenvolver programas institucionais de pesquisa, ensino e extensão, de caráter interdisciplinar, no campo das políticas públicas, envolvendo servidores docentes e técnico-administrativos, de diversas áreas de conhecimento.

⁵ Maracatu de Baque Virado ou Nação, originalmente, tem como seguidores os devotos dos Cultos Afrobrasileiros. A música vocal denomina-se toadas e inclui versos com procedência africana. Seu início e fim são determinados pelo som de um apito. O tirador de loas é o cantador das toadas, que os integrantes respondem ou repetem ao seu comando. O instrumental, cuja execução se denomina toque, é constituído pelo gonguê, tarol, caixa de guerra e tambor de alfaia. Ver “*Maracatus do Recife*” de Cezar Guerra Peixe publicado em 1955 e “*Danças Dramáticas do Brasil II*” de Mário de Andrade.

diálogos” (UFV/MEC/SESU/PIBEX) tive a oportunidade de integrar-me às atividades de extensão e pesquisa da equipe do Programa “Cultura e Transmissão de Saberes”, realizando coletas de informações em áudio e imagem, bem como participando das discussões e estudos realizados. A partir das entrevistas e das observações participantes, pudemos perceber que a presença de bandas de congo de outras localidades, durante os festejos do Rosário, é muito valorizada; que é gratificante, tanto para os componentes da banda de congo como para os moradores de uma localidade, receber a visita de congos de outros locais.

As informações coletadas pela equipe em entrevistas, especialmente com antigos congos, registram que receber a “visita” de uma banda de congo em sua localidade não é uma prática recente; que o grupo anfitrião assume o personagem de visitante em uma outra festa.

Motivado talvez por uma “veia” geográfica e indo ao encontro das demandas da equipe do Programa “Cultura e Transmissão de Saberes”, direcionei meu interesse para a referida prática de entreajudas dos grupos de congos, indagando se a mesma caracterizaria uma região formada sob aspectos culturais.

Assim, este trabalho volta-se para compreender o processo social, que extrapola os limites politicamente preestabelecidos⁶, de uma das práticas culturais afrodescendentes mais antigas da região da Zona da Mata Mineira – o congado. Busca identificar elementos que suportam as identidades dos vários grupos de congos das microrregiões referidas e sua convivência, principalmente nas situações de festejos, possibilitando o delineamento de uma região cultural.

2 Metodologia

Para o desenvolvimento da pesquisa, utilizei uma construção metodológica que compreende:

-levantamento bibliográfico específico que abordasse categorias geográficas como redes e região, formada sob critérios culturais, dialogando com temas cultura,

⁶ Aqui considero como limites estabelecidos, os limites de comarca, limites de paróquia, limites estabelecido para administração estatal, limites de concessionárias de luz e água e limites comumente estabelecidos em relação a atividades econômicas

manifestações culturais afrodescendentes, congado. Em relação á redes busque auxilio em Dias(2007) sobre tudo em KINN (2006).

- observação participante nas Festas do Rosário em Córrego do Barros e Airões (distritos rurais de Paula Candido), Senador Firmino, São Miguel do Anta e Monte Celeste (distrito rural de São Geraldo), todos situados em Minas Gerais, para compreender como se dão as relações entre os vários grupos durante cada festejo;

Para este trabalho, especificamente, não foram realizadas entrevistas com os componentes das bandas de congos. No entanto, informações obtidas a partir de relatos, na perspectiva da história oral, de antigos congos foram incorporadas porque utilizei das entrevistas que compõem o material de campo do referido Programa e o acervo do Núcleo de Políticas Públicas, ao qual os citados projetos estão vinculados.

Os relatos e entrevistas que compõem o acervo do Programa foram construídos na perspectiva da história oral de vida, “dando voz a sujeitos invisíveis, construindo e preservando a memória coletiva por meio da singularidade de seus depoimentos” (GONÇALVES E LISBOA⁷ apud OLIVEIRA et al, 2008).

Na posse desses relatos e transcrições buscou-se analisar passagens onde principalmente os velhos congos discorriam sobre a relação de sua banda com outras, da relação entre bandas que ele possa saber existir e da existência de mestres que possam ter perpassado diversas bandas na Zona da Mata Mineira em diferentes épocas.

Buscou-se fazer uma espacialização, tendo em mente as etapas cumpridas anteriormente, como forma de ilustração e melhor elucidação das idéias contidas nesse trabalho.

⁷ GONÇALVES, Rita Cássia; LISBOA, Teresa Kleba. So-bre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. Revista Katálisis, Florianópolis, v.10, número especial, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid>.

3• Congos, congados, congadas

Os congados, segundo Roberto (2000), são cortejos de negros (hoje em dia, afro descendentes, não necessariamente todos negros) que reverenciam santos católicos⁸ em festas, rituais e cerimônias de coroação de reis e rainhas congos, por diversos cantos do Brasil e que, principalmente na Zona da Mata Mineira, é representado por vários grupos que apresentam diferenças e similitudes entre si (expressas nas cores das roupas, nos cânticos, nas formas como organizam as festas).

O congado, ou congo, é bem mais do que uma simples expressão religiosa cultural ou “acontecimento folclórico, paralisado no tempo, sem sofrer alterações” (KATRIB, 2004, p. 42). Essa manifestação é uma teatralização que retrata um movimento de resistência, rememorando suas raízes africanas.

São várias as versões que explicam o surgimento do congado e da festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário. Uma delas, segundo Cortês, faz referência a Chico Rei, um negro escravizado, trabalhador nas minas de ouro na antiga Vila Rica (atual Ouro Preto), que havia sido mandatário do reino de Quicuios, no Congo, que suplica a Nossa Senhora do Rosário um milagre: ser libertado.

A fé de Chico Rei foi tão grande, que seu pedido foi concedido pela santa e, para agradecer a graça alcançada, Ganga Zumba Galanga (nome de Chico Rei) promoveu uma festa na Igreja de Santa Efigênia e Nossa Senhora do Rosário em 1747. As festividades, com nome congado e que acontecem até hoje, são reproduções dessa festa realizada no século XVIII, “com a coroação dos reis do Congo, a representação das lutas entre as monarquias negras contra o colono escravizador” (CORTÊS 2004)

Outra versão, qualificada como seu “mito fundador” dentre os congos das microrregiões de Viçosa e Ubá, também é lembrada. Nela a Imagem de Nossa Senhora apareceu numa mata⁹ no continente africano. Para abrigar a imagem, foi construída uma igreja. Por diversas vezes a imagem colocada no altar desaparecia deste e era localizada novamente na mesma mata, onde havia sido encontrada originalmente. Padres, bandas de músicas formadas pelos homens brancos foram até a mata onde a santa estava e

⁸ Em entrevistas com membros dos grupos de congo, e na bibliografia levantada, as informações apontam que esses cortejos de congos podem reverenciar Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia.

⁹ Em diferentes lugares do Brasil existem “mitos fundadores” que, ao invés de mata, dizem que a santa apareceu na água (rio, lagoa ou mar), na gruta ou na pedra.

falharam na tentativa de “resgatar” a santa: a imagem não saía de lá; se saía, rapidamente voltava para onde estava.

Depois de várias tentativas frustradas, os negros escravos tiveram a idéia de juntar um grupo de congos e moças, todos negros, enfeitados, fazendo festa para trazer a santa para a igreja. Com a cantoria e a dança dos negros, a imagem da santa balançou e acabou indo com eles para a igreja montada para ela. “Nessa artura, a santa veio com eles e nunca mais saiu da igreja” (PANIAGO, 1983, p.33). Segundo essa versão, a festa do Rosário hoje seria uma reprodução desse evento; a congado representa aqueles que conseguiram trazer e fazer com que a santa não saísse mais de igreja.

Segundo Katrib, o gênese da congada está ligado diretamente à vinda dos povos africanos de origem banta¹⁰ ao Brasil. Ainda segundo esse autor, citando Ronaldo Vainfas e Juliana Souza¹¹(2000), os negros de Angola, Moçambique e Congo já tinham um contato com o culto e a adoração a nossa Senhora do Rosário, anteriores a sua chegada em território brasileiro, devido a presença constante de colonizadores portugueses católicos em terras africanas entretidos com o lucrativo trabalho do tráfico negreiro.

Foi por meio do culto a Senhora do Rosário, que os negros rearticularam suas crenças, reinterpretando os rituais de devotamento ao rosário, fato que explica a existência de versões que afirmam que a origem do Congado no Brasil está relacionada aos povos de origem Banta que vieram para o país em maior contingente e se expandiu difundindo essa prática. (KATRIB, 2004, p. 45)

O contato das populações negras de área banta com o culto a Nossa Senhora do Rosário se deu segundo Silva (2011) citando Souza¹² porque os brancos portugueses incumbidos do tráfico negreiro para a colônia portuguesa na América viam nessa santa a figura de padroeira da longa viagem marítima entre os três continentes (África, Europa e América)

¹⁰ Segundo Cairo Katrib termo “Banto” foi criado em 1862 pelo filólogo alemão Wellelm Bleek e significa “o povo”, não existindo propriamente uma unidade banta na. África.

¹¹ VAINFAS, R. & SOUZA, Juliana *Beatriz de. Brasil de todos os Santos*.Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

¹² SOUZA, Marina de Mello e. *Reis Negros no Brasil Escravista*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.



Imagem de Nossa Senhora do Rosário; andor da procissão em Airões.
Fonte: Acervo do Programa Cultura e Transmissão de Saberes. NUPP/UFV

Congos, segundo Brandão, são alguns dos diversos grupos que persistem em sair às ruas em direção às igrejas, passando pelas casas de seus antigos mestres ou personagens importantes para esses grupos e as comunidades que os abriga. Dificilmente também outro tipo de prática religioso-folclórica será como o congo, tão diretamente associada a grupos de negros de confissão católica (BRANDÃO¹³ apud OLIVEIRA, 2010.)

A denominação de “Ciclo” para o momento temporal de acontecimento das Festas de Nossa Senhora do Rosário pode ser entendida de algumas maneiras: de expressão da influência hegemônica da Igreja Católica nas festas populares que estruturam o ano litúrgico (cf. PESSOA, 2007); expressa, a idéia de “circuito montado”, quando cada participante tem oportunidades de agir como visitante ou como visitado; é explicada pela versão que afirma que o contingente de padres em Minas Gerais no Século XXVIII não atendia plenamente a todas as localidades, por isso para que a festa fosse realizada com a presença de um padre, as datas das festas eram marcadas para dias diferentes para que esse pudesse estar presente.

O Ciclo do Rosário pode ser analisado como um sistema de “entrejuda”, integrado por grupos de congado de várias localidades das referidas microrregiões. Esse

¹³BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A Festa do Santo de Preto*, Fundação Nacional de Arte, 1985

sistema de “entreaajuda” pode ser definido como uma prática de cooperação direta, recíproca e repetitiva entre homens e os grupos a qual pertencem, originada no seio familiar que, depois, extrapola para fora do mesmo (cf. SOUZA, 2009), chegando às relações de amizade. Ou seja, um Ciclo do Rosário está sustentado sobre relações de amizades entre participantes de diferentes bandas de congos, principalmente entre seus mestres atuais ou do passado, que viam e vêem na festa possibilidades de se reverem e trocarem experiências.

As amizades entre os mestres das bandas apresentam indícios de que originam quando estes que estavam na posição de jovens integrantes das bandas e, em comum, tiveram os mesmos mestres como agentes socializadores.

Entendendo as festas como procedimentos ritualísticos nos quais os homens demonstram, no ato, aquilo que os tocam profundamente (Turner¹⁴, 1974 apud Pessoa 2007) ou, ainda, como momentos onde se atinge o mais alto grau de sociabilidade, cooperação e solidariedade (Fernandes¹⁵, 2001 apud Bezerra, 2008), podemos apreendê-las como situações educativas. Nesse sentido, os mestres atuais aprenderam com os antigos e assim sucessivamente caracterizando, porque não, um processo de ensino-aprendizagem. Brandão (1995) denomina as festas de “situações de aprendizagem”, que podem ser distinguidos como aparentes quando são facilmente observadas, podendo ser exemplificada quando diversas crianças observam hipnotizadas, os cortejos conduzidos pelas bandas de congo ou, ainda, quando os jovens da banda aprendem a dançar, tocar, bater espada etc. Outra situação de aprendizagem, carregada de simbolismo, é quando são transmitidas valores, códigos de conduta e crenças implícitas aos componentes mais jovens.

Essas situações de aprendizagem indissociáveis, que a primeira vista apresentam-se como pontuais, quando analisadas a fundo mostram-se pertencentes à trama maior que é a Festa de Nossa Senhora do Rosário. Promovem a aprendizagem das regras sociais e das etiquetas de sociabilidade, não só do festejo como de um grupo social por inteiro, sua trajetória de existência e suas memórias e porque não suas relações com outros grupos.

¹⁴ TURNER, V. W. O processo ritual. Petrópolis: Vozes, 1974

¹⁵ FERNANDES, N. N. A cidade, a Festa, e a Cultura Popular, Niterói, ano. 6, n. 1, 2004. Disponível em: www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/download/.../137 Acessado em 5 jun. 2010.

As pessoas e grupos populares não têm como primeira forma de expressão o domínio da escrita. Seus textos são escritos em forma de dança, de cânticos rimados para facilitar a memorização, são troças, lendas, ditados, com muita, mas muita comidinha gostosa. É dessa forma que o povo escreve suas memórias, seus valores, seus códigos de regras, suas crenças, suas angústias pelo árduo trabalho, suas esperanças e fantasias. (Pessoa, 2007)

O mestre é de suma importância para a valorização, manutenção e perpetuação de uma banda de congos. Dentre os membros mais antigos que pertencem a uma banda de congo é principalmente ele o disseminador de regras sociais e práticas como “intercâmbio proporcionado. Ao passo que a Banda se apresenta em outros locais, era e é entendido pelos seus componentes como um modo válido também de aprender coisas novas” (NASCIMENTO, 2010)

Entre os grupos de congos dos municípios e distritos rurais localizados nas citadas microrregiões, as práticas - aparentemente distintas, porém semelhantes estruturalmente, “permitem a análise da organização do espaço pelo viés cultural, a partir da visualização de uma gama de aspectos materiais e imateriais que perpassam o tempo e nele se materializam como um legado da cultura” (cf. NETO, 2007).

As Festas de Nossa Senhora do Rosário, conduzidas pelos grupos de congos (bandas, guardas, ternos¹⁶) apresentam-se como uma trama que mescla religiosidade negra e catolicismo popular. De acordo com SOUSA, 2008 (apud Martins, 2006) os festejos dão luz às performances espacialmente, através de suas danças, cantos e celebrações, das travessias de negros da África para a colônia portuguesa na América. Com suas narrativas expressas durante as embaixadas¹⁷, os congos celebram suas memórias, marcando no espaço a dramaturgia de passagem de uma condição de morte ou melhor, uma subcondição (escravidão, castigos e privações), para uma de vida (liberdade, festa).

¹⁶ Por mais que a literatura encontrada, em sua maioria, refira-se aos grupos de congos como “ternos de congos”, existem grupos que se denominam “guarda de congo”. “Terno” refere-se mais aos grupos do Triângulo Mineiro, região Central de Minas Gerais, Sul de Goiás, Noroeste de São Paulo enquanto “banda” é mais usada pelos grupos do Espírito Santo, Zona da Mata Mineira. A autodenominação adotada por diversos grupos de congo apresenta-se como um potencial fator delineador de possíveis regiões culturais.

¹⁷ “Embaixadas são formas ritualizada de relatar ou de expressar um enredo mítico centrado na relação ancestral dos congos entre si, com a sociedade e com a santa festejada” (OLIVEIRA e GARCIA, 2008, p. 3)

Segundo Di Meo¹⁸ (apud BEZERRA, 2008), a festa possui a capacidade de produzir e perpetuar sinais no espaço que serão de uso da sociedade por diversas gerações posteriores, em momentos que vão para além dos festejos. Esses sinais colocados podem aproximar grupos de diversos lugares que apresentem similaridade de identificação, determinando limites com outros grupos com diferentes sinais produzidos durante os festejos.

Ao considerarmos o congado uma das inúmeras, mas não menos importante, manifestação afro descendente brasileira, teremos que, parafraseando Martins¹⁹ (1997) e Souza (2008), os corpos e culturas negras matizaram territórios, redes e regiões com seus movimentos e deslocamentos no espaço. Juntamente a esses deslocamentos as oralituras aparecem como instrumentos que marcam e configuram a “história e a cultura dos povos africano em terras brasileiras” (SOUSA, 2008).

Assim, o que busco neste texto é valer-me dessas oralituras, que de acordo com Sousa (2008,apud Martins²⁰) é como os congados, através das ações orais passadas marcam o espaço com as memórias e saberes da Festa do Rosário, e dos movimentos de algumas bandas de congos da zona da mata mineira e das ferramentas disponibilizadas pela pesquisa científica para compreender se há a formação de uma das categorias para o espaço, discutida na geografia.

¹⁸ Di MEO, G. La géographie en fêtes. Paris: Ed. Geophrys, 2001.

¹⁹ MARTINS, Leda Maria. Afrografias da Memória: O Reinado do Rosário no Jatobá. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997

²⁰ Idem

4 Um pouco sobre redes

Alguns estudos acadêmicos empregam a categoria rede constituída no interior das bandas de congo e apontam as redes familiares como formadores dos grupos de congos ou então preferem estudar as redes sociais tecidas no interior de cidades ou bairros a partir dos lugares e trajetos que os cortejos do grupo de congos percorrem. (KINN, 2006; SILVA, 2011).

Para a elaboração deste trabalho, foi possível ultrapassar limites correntes, como município, e focar tal categoria em escala regional ou micro regional.

Cada banda de congo estabelece rede de contatos com outras bandas, fruto de relações travadas sob forma de colaboração, apoio, auxílios e influencias na realização das Festas do Rosário; os nós são as bandas. Lembramos a afirmação da professora Leila Dias que “as redes aparecem como instrumento que viabilizam exatamente duas estratégias: circular e comunicar” (DIAS, 2007²¹). A rede enfocada também pode ser encarada como forma de sociabilidade; pode ser categorizada de diversas formas, de acordo com Castells (1999): reciprocidade, solidariedade, estratégia e cognição.

Sendo assim, observar a inter-relação entre as bandas de congos na rede de reciprocidades formada, significa reafirmar que estamos diante de uma trama formada por grupos, cuja identidade étnica os une. Ainda segundo Manuel Castells, as redes são

...estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrandos novos nós desde que consigam se comunicar dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação. Uma estrutura social baseada em redes é um sistema aberto, altamente dinâmico, suscetível de inovação (CASTELLS, 1999 apud KINN, 2006)

Para melhor evidenciar me alinho a Olivieri (2002)²² e entendo que as redes são tipos de organização capazes de reunir grupos sem característica hierárquica e de forma, até certo ponto, igualitária ao redor de uma temática comum. Com suas estruturas fluidas, essas redes se estabelecem seguindo dinâmicas que perpassam por trabalhos cooperativos dentre os indivíduos ou grupos que a compõem. Essa estruturação tem como seus pilares a afinação entre grupos caracterizando como um significativo recurso

²¹ DIAS, L.C. Redes: emergência e organização. In CASTRO, I.E; GOMES, P.C.C; CORRÊA, R.L, Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2007, PP. 141-162.

²² OLIVIERI, Laura, et al. O que são redes, 2002. Disponível em: < www.rits.org.br/redes_testes/rd_oqredes.cfm >. Acesso em 20 jul 2011

organizacional. O bem da verdade, essas tramas propostas pelas redes entre indivíduos que apresentam uma sintonia ao redor de um tema comum podem e são são verdadeiras comunidades efetivamente visíveis ou não tão facilmente visíveis.

Ao falarmos de redes são abordados como sub conceitos e temas essenciais as células, os nós. Mas é a idéia de rede atrelada à comunidade que permite uma problematização maior para além de pontos de encontros e nós. Em outras palavras, a articulação espacial em redes, propensa ou não a transformações, como expansões ou diminuições de acordo com novas alianças firmadas ou relações rompidas, respectivamente, ao se perdurar por vários anos, atravessando gerações pode indicar ao delineamento de uma região. Uma região que não é posta concretamente reconhecida por instâncias governamentais, uma região que se apóia em relações sociais e só pode ser vista esforço intelectual.(OLIVIERI, 2002)

4.1 - Construindo os laços da Rede.

O ponto de partida para a proposta de delineamento de uma “rede cultural do congado” foi a Banda de Congos José Lúcio Rocha, de Airões, uma vez que os vários projetos articulados ao Programa “Cultura e Transmissão de Saberes” propiciaram o estabelecimento de relações sociais de extensão e de pesquisa da equipe do programa com esse grupo de congos.

O distrito de Airões pertence a Paula Cândido, município que abriga duas bandas de congo: a Banda de Congos José Lúcio Rocha e a Banda de Congos Antônio Coelho, da sede do município. A partir de Relatos que compõem o acervo da unidade de catalogação do NUPP, encontram-se relatos que versam sobre como teria nascido a banda de congo de Airões. Em entrevista, , um ex morador desse distrito, afirma:

A festa do Rosário começou primeiro em Paula Cândido, com os irmãos Antonio Coelho e Zé Coelho. Houve uma briga entre os irmãos, o que fez com que Antonio Coelho fosse para o Airões. Com isso Antonio Coelho funda a banda de congo de Airões. [Geraldo Duarte, 50 anos em 2009, ex morador de airões] (Acervo do Programa Cultura e Transmissão de Saberes)

Ainda sobre a referida banda, a partir do relato de Antonio Fidêncio, mestre dos congos de São Miguel do Anta, foi possível obter informações que indicam para a

presença e atuação dos antigos mestres do congado na constituição da entreaajuda dos grupos de congos de diferentes localidades.

Esse era o Cesário²³, mestre de Cachoeira, Fundão [São José do Triunfo]; é que veio aqui pra ensina nós [...]. Daí veio o Cesário, mestre de congo, e foi ele que voltou o congo em 77 [1977]. Airões também é o mesmo mestre, o Sesário, que ensinou Airões também. Foi sim, foi ele que ajudou a fundar. Cesário era do Macuco, perto de Cachoeirinha, então ele que fundou Cachoeirinha [Banda de Congos de Cachoeira de Santa Cruz], Airões e depois nós aqui. Trouxe a turma dele e ensinou²⁴. (Antônio Fidêncio)

A presença de Cesário, que segundo Antonio Fidêncio, foi mestre das bandas de São José do Triunfo (Fundão), Cachoeira de Santa Cruz (Cachoeirinha), São Miguel do Anta e Airões, expressa indícios das relações constituídas por diferentes grupos de congos, bem como o possível compartilhamento de história sobre a congado e o culto à Nossa Senhora do Rosário.

A presença do Mestre Cesário perpassando esses 4 grupos não significa que essas bandas de congos tenham os mesmos conhecimentos, conduzem a Festa de Nossa Senhora do Rosário da mesma forma e praticam as mesmas ações de formas idênticas. Um mestre comum que perpassou por esses diversos lugares nos apresenta que as tramas da “rede cultural do congado” se firmaram não só com ações como a troca de visitas entre as bandas nas situações festivas (CF. Coelho, 2009). A presença de congos, principalmente os mestres, que percorreram diversas localidades nas microrregiões de Viçosa e Ubá também são cruciais para entendimento das redes sociais estabelecidas entre as bandas de congos.

Em alguns casos de relações entre bandas de congos, essas estão aí colocadas, pois são como heranças deixadas pelos antigos “especialista religioso com função de formar um grupo composto de artistas-devotos” quem mantém um grupo “coesos e submissos ao código do ritual.”: o mestre. (BRANDÃO, 1983. p.27²⁵ apud NASCIMENTO, 2010. p.15).

²³ Cesário Leôncio da Paixão

²⁴ (COELHO, 2009, P. 03)

²⁵ BRANDÃO, Carlos. R.. Casa de escola. Campinas: Papyrus, 1983. p. 60.

Não “usufruir” ou não perpetuar esse laço estabelecido pelo mestre pode muito bem desencadear uma advertência deste para o grupo.

Foi falta de eu não perguntar.... Depois eu conversei com seu Chico e ele falou assim: que nós fizemos muito mal de não ter ido lá em São Miguel. Porque pelo menos 2 ou 3 daqui (Airões) partia para lá (São Miguel do Anta); e ia ajudar aqueles homens lá, porque eles vieram com muita boa vontade (entrevista com Antonio Boi feita em 2007. Acervo do Programa Cultura e Transmissão de Saberes).

Neste trecho do relato de Antonio Boi, Chico Botelho é lembrado quando expressou seu descontentamento pelo fato dos congos de Airões não terem atendido o convite para participar da festa em São Miguel do Anta, deixando de retribuir a ajuda que receberam durante a realização da festa no referido distrito de Paula Cândido. A falta de retribuição não é vista com bons olhos, podendo representar a quebra do compromisso de reciprocidade, salvo em casos quando não foi possível conseguir transporte para os congos ou quando intempéries naturais deixam estradas de acesso aos distritos intransitáveis



Antonio Mathias Celestino - Antônio Boi - mestre da Banda de Congos José Lúcio Rocha.

Fonte: Acervo do Programa Cultura e Transmissão de Saberes/NUPP/UFV

Identificando como “nós” da rede cultural do congado as bandas, as festas e as práticas dos antigos mestres é possível perceber as relações dos grupos de São Miguel do Anta, São José do Triunfo, Cachoeira de Santa Cruz e Airões: a influência da figura de Cesário, um de seus antigos mestres, que ensinou diversos significados e ações do universo do congado a componentes dessas bandas. A existência desse mestre em comum tende a possibilitar elementos para a compreensão do aparente compartilhamento de elementos do universo simbólico dos congos²⁶.

²⁶ Em atenção às demandas percebidas durante a realização dos projetos citados, a coordenação do Programa Cultura e Transmissão de Saberes abriu uma nova linha de atuação – Mestres da Cultura Popular. Inscritos nesta linha estão 02 (dois) trabalhos acadêmicos, elaborados por participantes do Núcleo de Políticas Públicas, e que abordam antigos mestres das congadas. Raimundo Januário foi o tema da pesquisa de Eduardo Frederico Nascimento (2010) e Rosemeire Soares de Freitas aborda Cesário em sua monografia, a ser apresentada em 2011. Ambos, alunos de Pedagogia da UFV, foram orientados pela pesquisadora do NUPP Ângela Maria Garcia, doutora em Antropologia.

O grupo de congado de São Miguel do Anta mantém ligação forte com o de Airões; ambos atualizam as relações de entreajudada durante as Festas do Rosário dessas localidades. Vários componentes do grupo de São Miguel do Anta são residentes no município de Canaã, onde também é realizada a festividade dedicada a Nossa Senhora do Rosário. Em comum, o mesmo mestre

É cuida daqui e de Canaã. Então, eu tive lá mês passado, num grupo lá. Porque mexer com essa meninada é[...], você tem que ter muita paciência e saber mexer.” (Antônio Fidêncio, mestre da banda de congo de São Miguel do Anta).



Antônio Fidêncio, mestre do Grupo de Congos de São Miguel do Anta e Canaã.
Fonte: Acervo do Programa Cultura e Transmissão de Saberes/NUPP/UFV

A festa do Rosário em Airões é marcada para o 3º. domingo de outubro e, segundo relato de Antônio Boi, esta é uma das tradições dessa festa.

Outro distrito da Paula Cândido – Córrego dos Barros ou Barros – também realiza festejos em louvor a Nossa Senhora do Rosário. Recentemente iniciada, é um dos nós da “rede cultural do congado”. Ainda que, na localidade não haja um grupo de congos, a festa é realizada. A banda de congo de Airões é que conduz a festa em Barros juntamente com seus convidados: Banda de congos de São Geraldo.



Congos de São Geraldo, Coimbra e Airões em frente a Igreja na Festa De Nossa Senhora do Rosário em Córrego dos Barros (Paula Candido – MG)

Fonte: Acervo do Programa Cultura e Transmissão de Saberes/NUPP/UFV



Bandeira e Bandeiras da Banda de congos José Lúcio Rocha deixando a Escola Estadual Geraldo Lopes de Carvalho, depois do almoço durante a festa de Nossa Senhora do Rosário no Córrego dos Barros de 2009

Fonte: Acervo do Programa Cultura e Transmissão de Saberes/NUPP/UFV

Continuando a observar os nós da rede do congado, chegamos à Banda de Congos de São Geraldo. Desde 2007, quando comecei a frequentar a Festa do Rosário em Airões, percebi que Jorginho - o mestre do grupo de congos de São Geraldo – participa das festividades, com vários componentes do seu grupo. Tal relação pode ser observada durante os diversos momentos que compõem a festa.

O domingo festivo começa muito cedo: as 4 da manhã, por ser ao nascer do sol, esse momento é chamado de alvorada. É quando os congos se reúnem dando início indo aos festejos. Na alvorada os congos usam roupas comuns, do dia a dia. As vestimentas próprias do congado são utilizadas um pouco mais tarde, quando voltam a se reunir as 10h, após a alvorada. Assim fica difícil distinguir quais os grupos de quais localidades estão presentes. As bandas de São Geraldo e de Airões iniciam a alvorada pelas ruas do distrito.



A esquerda Jorginho, mestre da banda de congos de São Geraldo, e ao centro Som, do congado de Airões. 2009
Fonte: Acervo do Programa Cultura e Transmissão de Saberes/NUPP/UFV

Chama a atenção ainda, o fato da realização de Festas do Rosário em localidades que não conta com grupos de congos, como Córrego dos Barros (distrito de Paula Cândido), Monte Celeste (distrito de São Geraldo) e Senador Firmino.

Em 2010, o grupo de Airões participou como convidado da Banda de Congos de São Geraldo, naquele ano responsável pela realização do reinado pela Festa de Nossa Senhora do Rosário de Monte Celeste, atuando mais um “nó”.



Festa de Nossa Senhora do Rosário em Monte Celeste (São Geraldo - MG)
Fonte: Acervo do Programa Cultura e Transmissão de Saberes/NUPP/UFV

Outro “nó” na “rede cultural do congado” é a Festa do Rosário em Senador Firmino, município que, também, não conta com um grupo de congos. No entanto, 03 antigos congos – João da Mata e Antonio (de Senador Firmino) e Cícero (de Dores do Turvo) – são personagens reconhecidos nas relações de entreajudas constituídas entre congos. Em relação ao primeiro personagem, Seu João revela-nos que essa cidade já teve banda de congos e que alguns componentes dessa dançavam em festas de localidades ao redor de “Senador”.

“Nois que andava em tudo, Brás Pires tinha [congos], mais era nois, era nois que ia pra lá. Não, tinha [banda em Dores do Turvo] não”.
(João da Mata, congo de Senador Firmino).

À partir dessa fala conseguimos apreender que Senador Firmino ou melhor, a banda de congos desse município estabelecia contatos com as bandas ou congos de Dores do Turvo e Brás Pires. Integrantes dos grupos de congos costumam participar de festejos em outras localidades a convite para comporem a banda de congos desse lugar e tomando por base esses diversos contatos possibilitados por congos de Senador Firmino foi possível que a Festa do Rosário em Senador Firmino fosse retomada recentemente (em 2007), sendo viabilizada pela atuação da banda de congos de Airões.



À frente Cícero com os congos de Airões na Festa de Nossa Senhora do Rosário em Senador Firmino. 2009
Fonte: Acervo do Programa Cultura e Transmissão de Saberes/NUPP/UFV

Ainda á partir de Airões e considerando também Senador Firmino, chegamos a outro nó da rede cultura: Brás Pires. Diferente de outros nós que são as bandas de congos, nesse caso considero o município como ponto de encontro de laços da rede cultural do congado, pois dentre as localidades que observei e coletei entrevistas, não aparecem relatos sobre congos da banda dessa cidade que dançam com outros grupos. O que aparece é o contrário, congos de diversos lugares citam a Festa de Nossa Senhora

do Rosário de Brás Pires como sendo algo grandioso, atraidora (se é que podemos dizer assim) de vários congos e bandas de congos da Zona da Mata.

“...todo 12/10 tem Festa de N.S. Rosário em Brás Pires; são 03²⁷ dias de festas, quando vão pessoas de congados de vários locais: São Geraldo, Coimbra...”(Maria de Lourdes da banda de congos de Airões 24/10/2004)

“... O Brás Pires, nós vamos ajudar a banda de lá. Começamos lá em 97. Todo ano, nós vamos lá ajudar a banda de lá...” (Antônio Boi – 17/07/2005)



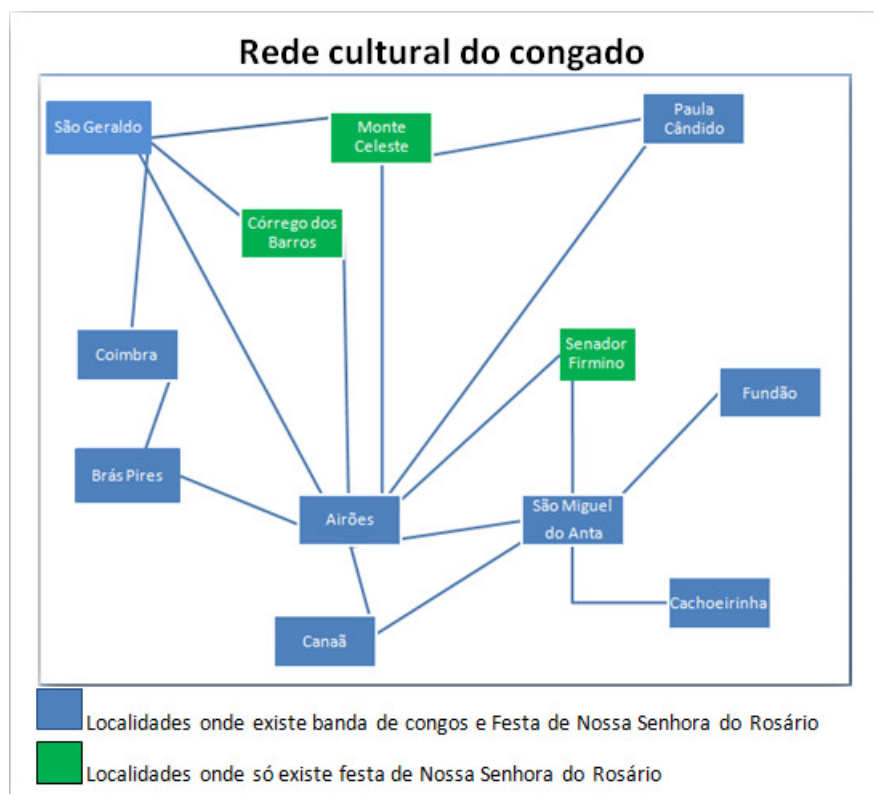
Guarda de Congo Rosário da Aliança de Brás Pires. Ao centro três congos de Airões: Lourdes de espada e capa amarela, Seu Bené com acordeom e Boi com capa amarela de costas. Festa do Rosário. Outubro de 2011
Acervo Prefeitura Municipal de Brás Pires e Acervo de Rogério Sebastião Marques

Outra razão por preferir usar a cidade ao invés da banda de congo é porque diferente de outros lugares que pertencem a rede cultural do congado, Brás Pires atrai congos e Bandas de congos pelo menos duas vezes ao ano: no Encontro de Guardas de

²⁷ Parte dessa idéia de grandiosidade da festa de Brás Pires se dá por ela acontecer geralmente em 2 ou 3 dias. Com um dia dedicado a Nossa Senhora do Rosário, outro dedicado a Santa Efigênia, ocorrendo de haver um terceiro dia dedicado a São Benedito.

Congos²⁸ realizada geralmente em setembro e na já citada, Festa do Rosário realizada em outubro.

Ao afirmarmos que as essas redes não apresentam distinção dentre aqueles que a compõe, quanto a essa característica podemos aferir que, em relação as bandas de congos, se não existe aquela que exerce poder ou delega função a outra, elas são homólogas quanto suas ações e representações, Como essa rede não hierárquica se espalha de forma que não haja interrupções entre seus nós, podemos dizer que ela é contínua no espaço. Uma rede cultural do congado contínua que , como eu já disse, interliga grupos de congos que produzem espaço de formas iguais ou parecidas. Espaços produzidos de formas iguais vistos por uma escala maior configuram uma região se considerarmos que a definição dessa categoria, para alguns geógrafos se apresenta como um aglomerado de áreas cujas características se assemelham.



5 Região na Geografia: uma categoria em discussão.

²⁸ O 2º Encontro de Guardas de Congos de Brás Pires, fez parte da Jornada Mineira do Patrimônio Cultural. Jornada que conta com vasta programação de eventos culturais e ações de preservação do patrimônio acontecendo simultaneamente nas mais diversas regiões do Estado durante todo o mês de setembro.

No cotidiano, ao que podemos observar, “região” aparece atrelada a localização e extensão de um fenômeno. Usamos frequentemente expressões como região da cidade tal ou região da atividade econômica tal nos referindo a uma porção no espaço onde exista uma o predomínio de certas características que a possam diferir das outras que a rodeiam. O mais interessante disso é que no senso comum, assim como num mundo acadêmico, se é que podemos chamar assim, ao se referir a “região” não requer que exista precisão nas suas fronteiras e nem que esta tenha o mesmo tamanho espacial.

Região também adquire o sentido político administrativo sendo a divisão em regiões uma ferramenta do Estado para exercer seu controle. No poder privado também se utiliza esse tipo de recorte: grandes conglomerados empresariais utilizam a separação de suas áreas de influência em regiões como “estratégia de gestão de seus negócios”

Região, tomando-se por base o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, compreende um território que se distingue dos demais por possuir características próprias (FERREIRA, 1995) ou, segundo o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, uma região é um território cuja extensão é determinada, seja por uma unidade administrativa ou econômica, seja pela similitude do relevo, do clima, da vegetação, seja pela origem comum dos povos que o habitam (HOUAISS, 2007). Diante dessas definições, podemos dizer que região não somente é um território que se distingue dos demais, como, principalmente, também se origina de uma certa unidade territorial interna, a homogeneidade usada pelos geógrafos para definir uma região (BATELLA e DINIZ, 2005).

5.1 - Região na Geografia Humanístico-Cultural

Em concomitância ao surgimento de correntes radicais²⁹ na segunda metade da década de 1960 emerge uma diferente visão, para elucidar a organização do espaço, incluindo a categoria região. Surgem assim a corrente Humanístico – cultural na Geografia.

Essa corrente bebeu primeiramente diretamente da filosofia do significado concebendo os espaços como “espaços vividos”: a região é tida como um espaço vivido. Nas palavras de Gomes

²⁹ Sob chancela: “ausência do caráter social na geografia”, (CARVALHO, 2002) emergem as correntes críticas da geografia sustentadas em raízes marxistas e fenomenológicas, recuperadoras do historicismo. No âmbito da categoria região, o problema é que essa não era uma categoria marxista. A “solução” da geografia radical, foi conceber a região como uma micro parte de um todo

O humanismo na geografia, ao contrário da Geografia Radical, foi buscar no passado da disciplina elementos que seriam importantes resgatar. Um destes elementos foi a noção de região, vista como um quadro de referência fundamental na sociedade. Consciência regional, sentimento de pertencimento, mentalidades regionais são alguns elementos que chamam a atenção para revalorizar esta dimensão regional como um espaço vivido. (Gomes, 1995)

A segunda fonte é a Geografia Cultural que desde as décadas de 20 e 30 do século XX expressavam lampejos de interpretar o espaço usando parâmetros culturais das diversas sociedades humanas. Sendo assim a Geografia humanístico cultural debruçou-se em observar de que forma as variantes culturais e a percepção participam na ação de organização de espaços.

Para isso, segundo Bezzi, essa corrente ou abordagem, como queiram, apoiou-se na fenomenologia do filósofo alemão Edmund Husserl para quem a “idéia fundamental da fenomenologia é a noção de intencionalidade” que é algo “ puramente descritivo, uma peculiaridade íntima de algumas vivência”.(Husserl, 1986 apud Bezzi, 2002, p. 07). Na fenomenologia, o “conhecer o real” é produto de uma prática humana, mas essa percepção que se tem da realidade é subjetiva e carregada de um certo arcabouço histórico de quem está praticando a ação de conhecer

Na Geografia o processo de interpretação do espaço exige como ação anterior a interpretação de signos, pontes pelas quais é preciso passar para se fazer a percepção dos fatos e do espaço. Dessa forma há grupos capazes de criar e viver interligados por símbolos e viver realidades no espaço onde estão, alicerçados em suas bases culturais. Nesse bojo a categoria região passa a ter uma nova importância sendo vista como uma trama de situações vividas e cunhada á partir de comportamentos coletivos, atribuições de valor, apreensões em conjunto

Dessa forma essa categoria é encarada como fruto de uma construção mental³⁰ que usando uma visão subjetiva do real reúne elementos criando um código próprio impar que ditam as decisões e formas de agir. Os elementos são captados em uma realidade posta diante dos olhos, mas os critérios que os junta são estabelecidos em

³⁰ Neste caso não estou me a referindo da região como esforço intelectual da região hartshorneana, onde esta é formada sob as técnicas estatísticas, burocráticas, longe do trabalho empírico se atendo somente à descrição. À essa categoria acaba sendo relegada o papel de coadjuvante com um declínio considerável nos estudos regionais, muito recorrentes na geografia clássica, e uma total desconsideração de região produto de um processo histórico.

subjetividade comum no interior de um grupo Sendo assim a categoria cultura surge como necessária para uma possível interpretação desse espaço intersubjetivo.

No bojo dessa idéia que prevê a identidade cultural como um possível paradigma para a região, o geógrafo francês Armand Frémont (1980) parte da premissa de que estudar os lugares vividos e os espaços sociais pode fornecer base de sustentação para uma das diversas definições que pode ter o termo região. Nessa direção Frémont considera que a noção de região:

[...] Integra lugares vividos e espaços sociais com um mínimo de coerência e de especificidade, que fazem dela um conjunto com uma estrutura própria (a combinação regional), e que a distinguem por certas representações na percepção dos habitantes ou dos estranhos (as imagens regionais). A região é menos nitidamente conhecida e percebida do que os lugares do cotidiano ou os espaços sociais da familiaridade. Mas, na organização do espaço-tempo vivido, constitui um invólucro essencial antes do acesso a entidades muito mais abstratas, muito mais desconcertantes em relação ao hábito. (Frémont³¹, 1980 apud Bezzi, 2002)

Com a cultura adquirindo posto de paradigma regional, o espaço assume uma roupagem de categoria cultural. Na existência de elementos que representam certa importância a um grupo ou a diversos grupos, (elementos estabelecidos inconscientemente de uma forma coletiva) estes desencadiam práticas parentais de agentes dentro de uma dada coletividade. Dessa forma quando a prática desses agentes está ligada a um dado espaço, temos uma configuração regional.

6 Considerações finais: a possibilidade de delinear uma região cultural

Alguns pesquisadores da ciência geográfica, sobretudo nas últimas décadas, se “re-debruçaram” na descrição e observação de lugares percorridos e nas movimentações do homem e de seus arranjos grupais pelo espaço. A retomada de práticas como essa revalorizam o trabalho de campo e o contato direto com os objetos de pesquisa.

³¹ FRÉMONT, A. A região, espaço vivido. Coimbra: Livraria Almedina, 1980. 275p.

No caso deste trabalho, o contato direto com os congos de diversos grupos e dos congos entre si possibilitou apreender indícios de que esses grupos produzem e reproduzem o espaço através de suas alianças, conchavos e relações de solidariedade.

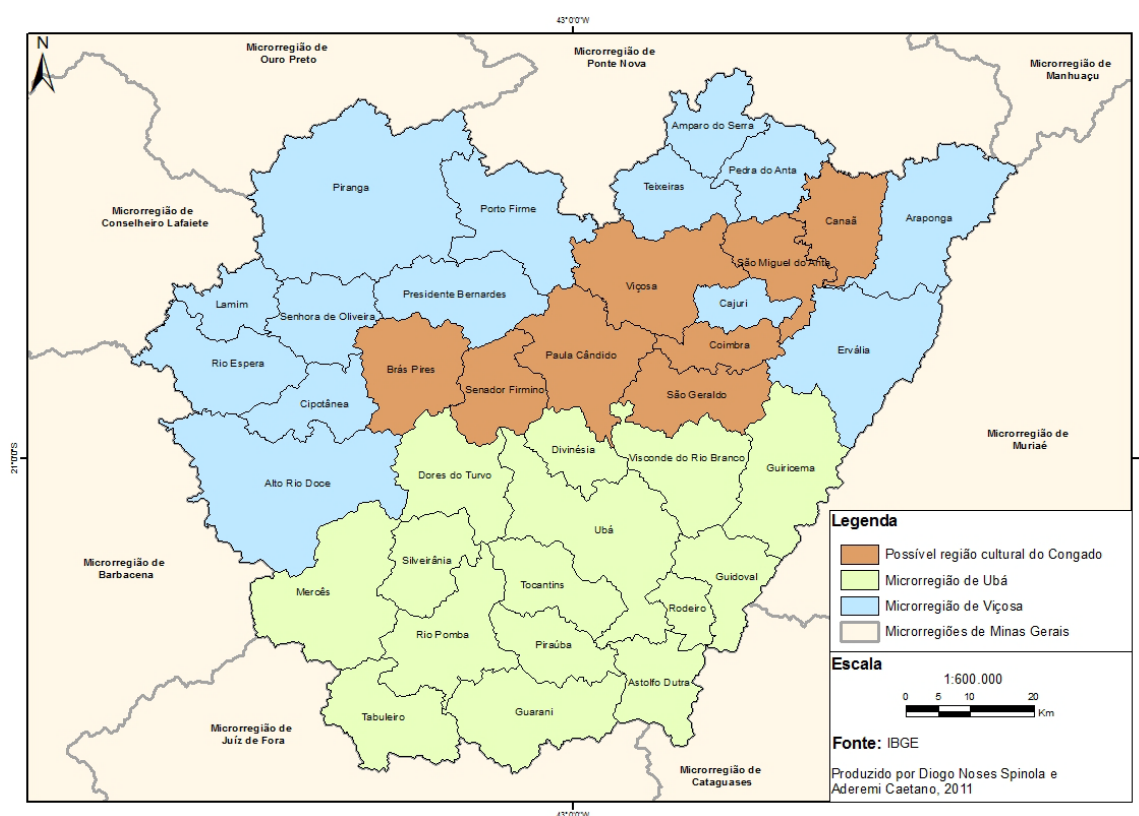
O trabalho de campo, a observação e a descrição de elementos juntamente com a imaterialidade, o percebido e o simbólico passam a ser reincorporadas ao estudo de geografia, aliada a uma carga teórica mais complexa e densa diferente do século quando a geografia pouco se valia desses elementos.

Sendo assim a partir desses meus contatos com os congos em situações de festejos e ensaios possibilitados por projetos de extensão, percebi que havia uma verdadeira rede social posta entre diversas bandas de congos localizadas nas microrregiões de Viçosa e Ubá. Pude constatar que as porções espaciais ocupadas por esses grupos poderiam configurar uma região montada sob aspectos culturais ricos e coloridos do universo do congado.

Preferi partir de uma rede de entrelaçadas e reciprocidades entre bandas de congos por entender que os contatos estabelecidos principalmente entre mestres foram capazes de marcar o espaço. Se rememorarmos que as redes de reciprocidade são formadas tendo em vista o bem comum a indivíduo ou grupos que apresentam uma certa homogeneidade, teremos uma possível região formada por aspectos culturais, ou seja uma rede formada por grupos de congos que apresentam certa homogeneidade de cultos ao redor de santos católicos. Grupos que tiveram mestres ou pessoas importantes incomum, que conduzem suas festas organizadas de forma muito semelhantes, que passam por problemas semelhantes para conseguir manter o grupo vivo e são formados por componentes que foram socializados por métodos muito parecidos. Considerando que esses grupos individualmente ocupam uma pequena fração no espaço e que vistos agrupados apresentarão uma porção maior apresentando certa homogeneidade, possívelmente teremos aí uma região cultural do congado formada ao redor do símbolo maior que é a figura de Nossa Senhora do Rosário.

Como um geógrafo, mesmo que em formação, eu não poderia deixar de “concluir” meu trabalho fazendo uma representação da espacialização possibilitada pelas relações

entre algumas bandas de congos das Microrregiões de Viçosa e Ubá.



Essa espacialização segue a proposta do trabalho de não apresentar uma conclusão pronta e fechada a cerca da região cultural do congado, ou seja, ao invés de afirmar que essa categoria geografica se mostra aos nossos olhos, apresenta elementos que vistos conjugados indicam à formação regional cultural.

Aferindo que a organização espacial configura uma região, apresentou que esse possível arranjo espacial não necessariamente seja exatamente essa incluindo esses municípios por mais que até esse momento com as entrevistas que foram coletadas e os relatos de membros das bandas de congos a cerca de relações intergrupais, essa representação de espacialização se aplique. Além do mais ao recordarmos que a região vista pelos aspectos culturais de vários grupos pode ser fluida ou se metamorfosear com o passar do tempo, a representação dos domínios dessa região descrita acima pode muito bem se alterar no futuro

7 - Referências Bibliográficas

BEZZI, M.L. Região como foco de identidade cultural. Revista da AGETEO, Rio Claro, Rio Claro, Vol. 27(1): 5-19, abril 2002. Disponível em <

<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/1732/1528>.

Acessado em 12 ago.2011

BRANDÃO, Carlos R. O que é educação, 33ª Ed. Brasiliense, São Paulo. 1995

CARVALHO, G. L. Região: evolução de uma categoria de análise da geografia. Boletim Goiano de Geografia, volume 22, n01, janeiro./jun. de 2002. Disponível em: <<http://ifgoias.edu.br/goiania/cienciashumanas/humanidadesfoco/images/downloads/artigos/regiao.pdf>> Acesso em: 12 ago. 2011.

CASTRO, I.E; GOMES, P.C.C; CORRÊA, R.L,(orgs) Geografia: conceitos e Temas. Rio de janeiro. Bertrand Brasil, 2007

COELHO, L.M.B, **Plantas que batucam: Uma percepção etnobotânica sobre instrumento musicais dos grupos de Congado da microrregião de Viçosa (MG)**. Viçosa: (Monografia do Departamento de Ciências Biológicas) – Universidade Federal de Viçosa - 2010

CÔRTEZ, Gustavo Pereira. Gerais de Minas: a expressão popular nas manifestações culturais. Anais do 7º Encontro de Extensão da UFMG. Belo Horizonte, 2004.

DINIZ, A. M. A e BATELLA, W. B. O estado de Minas Gerais: um resgate histórico das principais propostas oficiais de regionalização. *Revista Sociedade e Natureza*, Uberlândia: Edufu V. 17, N. 33. ago. 2005. Disponível em www.sociedadnatureza.ig.ufu.br/include/getdoc.php?id=86. Acesso em 25 jun. 2010.

COSTA, Rogério. Regional-global: dilemas da região e da regionalização na geografia contemporânea. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva: Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, 2007.

FERREIRA, A.B.H, *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

KATRIB, C. M I. **Batuques entrecruzados: a (re) inauguração da vida através da festa em louvor a senhora do rosário de catalão – GO**. OPSIS - Revista do NIESC,– UFGO, Catalão - GO. Vol. 4, p.35-50. 2004. Disponível em <www.revistas.ufg.br/index.php/Opsis/article/download/9267/6363> Aceso em 20 jun.2011

KINN, M. G. **Negros congadeiros e a cidade: costumes e tradições nos lugares e nas redes na congada de Uberlândia-MG**. São Paulo: (dissertação de mestrado do

- Programa de Pós Graduação em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo – FFLCH/USP, 2006.
- MORAES, A. C. R. de. Geografia: pequena história crítica. São Paulo: Hucitec, 1995.
- NASCIMENTO, E. F. Mestres da cultura popular: Raimundo Januário e o Congado de Airões - MG Viçosa: (monografia do Departamento de Educação) – Universidade Federal de Viçosa – 2010
- NETO, H. B. *Regiões Culturais: A construção de Identidades Culturais no Rio Grande do Sul e sua manifestação na paisagem gaúcha*. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós - Graduação em Geografia e Geociências, Área de concentração em Sociedade e Natureza, da Universidade Federal de Santa Maria, 2007.
- OLIVEIRA, M. R. P. de, GARCIA, A. M. ALVES, B. G. **Identidade e ensino da cultura afro- descendente em escolas públicas na Zona da Mata Mineira**. Interagir: pensando a extensão, Rio de Janeiro, n. 13, p. 53-58, jan./dez. 2008. Disponível em: < <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/interagir/article/viewFile/1672/1315> > acessado em 10.0ut.2011
- OLIVEIRA, M. R. P. et al. Como contas de um Rosário: memória e transmissão de Saberes do Congado. Projeto de Extensão. Núcleo de Políticas Públicas da Universidade Federal de Viçosa, 2010
- PANIAGO, M. C. T.. Viçosa – Tradições e folclore. Viçosa: Editora UFV, 1983.
- PESSOA, J. de M. *Aprender e Ensinar em Festas Populares* in Disponível em < www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/165621Aprender.pdf>. Acessado em 16 fev 2009, 16:30:30
- ROBERTO, A. P. *A Festa de Nossa Senhora do Rosário no Serro, Minas Gerais: a reinvenção de uma tradição*. Dissertação de Mestrado em Extensão Rural, Dept. Economia Rural, Universidade Federal de Viçosa, 2000
- TURNER, V.W. *O processo ritual*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- VALVERDE, O. Estudo Regional da Zona da Mata de Minas Gerais. *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro, n. 1, 1958.
- VILARINO, M. de A. Alianças e Disputas no Congado Belo-Horizontino. *Sacrilegens - Revista dos Alunos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião – UFJF*,

Juiz de Fora, v.4, n.1, p. 97-118, 2007-Disponível em <
<http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2009/06/4-8.pdf>>. Acessado em 04 out 2011.

SOUSA, P. P. A. de. **As Geo-grafias da memória: gênero e negritude na constituição do lugar festivo do congado de São José do Triunfo, Viçosa-mg.** 2010. Viçosa: monografia de graduação (Graduação em Geografia) Departamento de Geografia, UFV, Viçosa, 2008.

SILVA, D. A. **Ternos de congado, santos e ancestrais: as redes de interação no contexto da festa do Rosário em Minas Gerais.** In: XI CONGRESSO LUSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS. 2011. Salvador Disponível em <
http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308346412_ARQUIVO_Conlab-DanielAlbergaria.pdf>. Acessado em 30 out 2011.